

O SIMBÓLICO EM CASSIRER

Marinaide Ramos Moura
Graduada em Filosofia - Ucsal
mmoura@sbn.com.br

RESUMO: Nunca entenderíamos as condições atuais desse nosso mundo da cultura que é puramente simbolizante, se abolíssemos os estudos feitos pela filosofia da linguagem e, em específico, por Cassirer. Ele nos diz que o homem não pode subtrair as condições de existência as quais foram criadas por ele, deve-se integrar a elas, pois ele não vive mais num mundo puramente físico, e sim num mundo simbólico.

PALAVRAS-CHAVES: Simbolismo, Linguagem, Culturalismo.

ABSTRACT: We will never understand the present conditions of our cultural world, which is pure symbols, if the philosophy of language and, more specifically that of Cassirer. He tells us that man, cannot detach himself from the conditions of existence which were created by man and into which he must be integrated, he no longer lives in a purely physical world, but in a symbolic world.

KEY-WORDS: Symbolism, Language, Culturelism.

O pensamento filosófico revela a unidade de uma função geral por meio da qual todas essas criações são mantidas unidas. O mito, a religião, a arte, a linguagem, a história são vistos até hoje como diversas variações de um tema comum e a tarefa da filosofia é tornar esse tema audível e compreensível.

Ernest Cassirer

Cassirer, historiador da filosofia e antropólogo, teve seu reconhecimento após a 2ª guerra mundial, a partir de 1945, pelo seu denso estudo da filosofia das formas simbólicas, impregnado de um racionalismo no qual estende a problemática kantiana às formas simbólicas como o campo das produções constitutivas da cultura. A atualidade do pensamento de Ernst Cassirer encontra-se no modo como Pierre Bourdieu, sociólogo contemporâneo de grande vigência no pensamento francês, apropriou-se do conceito de simbólico e também Gilbert Durand ao trabalhar as formações simbólicas. Foi reconhecendo a importância de seu pensamento que tomamos como objetivo o estudo do simbólico, que envolve todo processo da cultura humana: o mito, a religião, a linguagem, a arte e a história. O nosso objetivo é apresentar o simbólico em Cassirer, destacando como parte constitutiva de todas as disciplinas humanas, ressaltando, assim, a sua abordagem que é essencialmente de caráter gnosiológico, sendo que os símbolos são vistos como uma forma efetiva para o conhecimento, e se relacionam à experiência externa.

Ao remontar esse estudo com fascínio, junto-me a Cassirer na elaboração da máxima de que somos nós que plasmamos o mundo com nossa atividade simbólica, somos nós que criamos e fazemos mundos em nossas experiências. Logo a criação do mito, da religião, da linguagem, da arte, da história são todos símbolos, que nos realizam como seres humanos e somos nós que engendramos esses mundos, criando significados baseados em nossas experiências, dentro de uma estrutura social e cultural, é por isso que Cassirer diz que, *deveríamos definir o homem como animal symbolicum e não como rationale*.¹

SÍMBOLO

Simbolizar significa lançar juntamente, amontoar, reunir,

ou seja, aproximar objetos e idéias. O símbolo surge como estruturação das relações do homem com o mundo. O problema é saber como se origina a estruturação simbólica. O simbólico, dentro da filosofia, está resignado a um grande conflito de interpretações, essas interpretações são chamadas de *Hermenêuticas Redutoras e Hermenêuticas Instauradoras*².

As hermenêuticas redutoras pretendem explicar, exaustivamente, o símbolo, partindo de uma disciplina exterior; para explicá-lo é preciso destruí-lo. Já as hermenêuticas instauradoras partem de uma eventual explicação, deixam subsistir a dimensão e o traço do mistério que se desprendem da realidade simbólica. Entre as hermenêuticas redutoras, podemos citar a de Gilbert Durand e a instauradora salientamos Cassirer como um representante neokantiano que estrutura uma noção de símbolo como uma função que ultrapassa as ciências naturais, aplicando-se a todas atividades humanas. O homem, segundo Cassirer, distingue-se dos outros animais pela sua atitude simbólica, na qual o objeto é designado através do símbolo e a criação do símbolo origina o mundo da cultura.

O simbolismo que Mircea Eliade e Paul Ricoeur apresentam está, também, instalado nas hermenêuticas instauradoras, pois, para eles, o símbolo tem um sentido espiritual e corresponde a uma experiência particular, de uma qualidade original e irreduzível, que é o Sagrado. Não existe, então, pensamento simbólico sem a categoria do entendimento ou a consciência do *Sagrado*.³

DIFERENÇA ENTRE SÍMBOLOS E SINAIS

Os símbolos e sinais pertencem a dois universos diferentes de discursos, como diz Cassirer. E os símbolos não podem ser reduzidos a meros sinais. Refletindo sobre a importância da existência do símbolo, sentimos necessidade de distingui-lo, sendo que o sinal faz parte do mundo físico do ser e a relação dos sinais com a realidade, o que ele

significa, é meramente artificial ou convencional. Segundo Cassirer, os sinais são operadores e os símbolos são designadores. Os símbolos são contrários aos sinais, em que eles são sempre parte do mundo físico do ser. Os símbolos pertencem ao mundo de significados; logo, todas as relações simbólicas são relações significativas; enquanto que os sinais, são abreviações fixas e convencionais para algo conhecido. Já um símbolo, conforme Cassirer, *está nele a melhor forma de formulação possível, para algo que não é conhecido, e que, por esta razão, não pode ser claramente representada*. Desta forma, Cassirer nos apresenta os símbolos como o campo intermediário entre o espírito e a matéria. A função mediadora autônoma que Cassirer nos demonstra do símbolo, nos faz pensar que a significação que cada símbolo possui nos faz transcender a posição do sujeito e objeto, a livre espontaneidade da mente e a passividade dos sentidos, colocando-nos, agora, de uma forma recíproca e com uma correlação entre as coisas do mundo e o espírito, uma vez que a função essencial do espírito humano é procurar sua realização no mundo sensorial e sua revelação, ao dar forma à matéria dos sentidos.

Etimologicamente, o termo símbolo nos dá uma idéia de separação e de reunião, com a qual terá de se confrontar no sentido das forças contrárias heraclitianas: a noite separada do dia, a água do fogo, a guerra da paz, a fome da saciedade. O símbolo aparece com o poder de reunir. Ele nos permite uma relação do presente com o passado, permite-nos a conjugação do visível com o invisível, do ser com o não-ser, possibilitando, assim, um reencontro e, desta maneira, formam uma unidade. O símbolo, com esse caráter polar, impõe-se, sobretudo, como abertura e promessa, como o princípio de movimento e de orientação, como um sentido oculto que o homem traz consigo.

Existe uma relação que a razão não pode definir e, de certa forma, o símbolo nos permite essa apreensão. Ele vai além da consciência e desvendá-lo é um desafio muito grande. É por existirem inúmeras coisas, que estão situadas além do enten-

dimento humano, que nós nos utilizamos, constantemente, de termos simbólicos, representando tais conceitos, que não poderíamos compreendê-los e nem defini-los completamente, se não fosse esse recurso. O símbolo é órgão essencial e necessário do pensamento objetivo.

O simbólico, em Cassirer, é qualquer coisa de constitutivo, que avança, através de todas as disciplinas, para essa realidade que é o símbolo, como forma *a priori* do espírito humano sendo que ele acompanha e atinge tudo que o homem faz. Para essa questão aqui presente, é válido salientar que, segundo Cassirer, um dos trechos mais difíceis das obras críticas de Kant, teria um interesse especial, quando ele emprega ao conceito a definição “entendimento intuitivo”, quando descreve os limites do intelecto humano, outro conceito ao qual designa de “entendimento discursivo”, que dependerá de dois elementos diferentes, a saber: as imagens, mecanismo do pensar e os conceitos, razão para o intuir⁴. Entretanto Cassirer, a partir dessa afirmação kantiana, aprimora-a relacionando ao símbolo; em vez de dizer que o intelecto precisa de “imagens”, segundo ele, deveríamos dizer que este precisa de símbolos, pois, para Cassirer, o conhecimento humano é, por sua própria natureza, um conhecimento simbólico.

É inegável que o pensamento simbólico e o comportamento simbólico tenham traços mais característicos da vida humana e que todo processo da cultura humana está baseada nessas condições. (Cassirer, 1994:141).

É fundamental que, nesse instante, façamos, aqui, uma distinção entre o real e o possível, ou seja, entre as coisas reais e ideais. Um símbolo não tem existência real, não participa do mundo físico; na verdade, ele tem um *sentido*⁵. No homem primitivo, essas duas esferas eram confundidas, porque os antigos viam os símbolos como algo dotado de poderes mágicos ou físicos⁶; com a instalação do progresso, a

cultura, mais clarificada, distinguiu as coisas do símbolo, ficando, também, mais explícita a distinção entre realidade e possibilidade. Na visão Cassiriana, as formas simbólicas culturais podem ser apontadas como sendo “órgão da realidade” ou configurações dirigidas ao ser.

A filosofia da cultura apresenta o símbolo ao mesmo tempo incoercível e original, pois a função simbólica corresponde às aspirações mais profundas do homem, que, inquieto, tem uma vida cheia de anseios e nunca está satisfeito, está sempre querendo ir além de seus limites, transcender-se, tentando ultrapassar suas próprias criações; essa é uma característica do ser humano e isso é inevitável⁷.

LINGUAGEM

A linguagem sempre foi reconhecida como um intermediário entre o homem e as coisas. Ela se apresenta como um universo de signos que permite aos homens a comunicação entre si, referindo-se aos entes ou seres do mundo.

Esta, por sua vez, é o mais importante processo simbólico, sendo que ela distingue os homens dos demais seres, pois, enquanto os animais respondem imediatamente à ação da natureza, o homem, por sua vez, retarda sua resposta, pois ele se utiliza de um universo simbólico. A linguagem, em Cassirer, é constituída por todo um sistema de símbolos que está apto a servir como meio de comunicação entre os homens.

A humanidade não poderia começar com o pensamento abstrato ou com uma linguagem racional. Tinha de passar pela era da linguagem simbólica do mito e da poesia. As primeiras nações não pensavam por conceitos, mas por imagens poéticas; falavam por fabulas e escreviam em hieróglifos. (Cassirer,1994: 251).

O homem primitivo sentia-se rodeado pelo perigo, então, criava mitos, deuses e demônios como formas mágicas de proteção ou

identificação do oculto. Agregava-se aos deuses para livrá-lo dos demônios⁸. Toda relação entre o homem e a natureza era expressa de forma simbólica; a linguagem, a comunicação entre ele e a força da natureza não era uma coisa inanimada, pelo contrário, existia muita vida, uma força vital que os interligava. O homem, então, gradativamente, foi percebendo que, entre a sociedade de humanos e a “sociedade viva”, na natureza, poderia existir uma relação menos misteriosa, uma nova realidade. Assim, a função mágica da palavra foi substituída por uma função semântica.

Não podendo mudar a natureza das coisas e nem a vontade das forças ocultas, “deuses e demônios”, o homem percebe que o aspecto decisivo não é só de caráter físico, é muito mais de caráter lógico. Neste primeiro momento, o homem estaria desprendendo-se da linguagem mitológica para uma linguagem simbólica.

Na visão cassiriana, percebemos a importância, no mundo humano, da faculdade da fala, quando o homem, nesse instante, deixa de ser um mero receptor dos fenômenos físicos da natureza e passa, então, a sujeito ativo, sujeito falante. A linguagem simbólica faz parte do mundo humano e se transforma de via de acesso do mundo⁹ para a via de acesso ao mundo do pensamento. A linguagem simbólica nos permite, então, uma relação análoga com o ausente, ou seja, com o não-ser .

O homem, como o conhecemos, não vive mais num universo meramente físico de fatos concretos, mas se percebe no meio de suas emoções imaginárias, suas ilusões, fantasias e sonhos. O homem se cercou de formas lingüísticas, imagens artísticas, símbolos míticos, e não pode mais ver algo, exceto por intervenção do meio artificial, do símbolo¹⁰, pode-se dizer que tornou-se um *animal symbolicum*, que vive em um universo simbólico, como diz Cassirer.

Dizer que somos seres que possuímos a fala, seres falantes, significa dizer que temos e somos linguagem, ela é, então, uma criação humana, ela nos envolve e nos habita. Será, então, pela manifestação da palavra com o seu poder simbólico que a linguagem nos colocará em relação com o ausente? Aqui, pede-se, então, uma resposta estritamente cassiriana: só o símbolo tem a capacidade de nos indicar, de representar, remetendo-nos às coisas, exprimindo-as, não só através de palavras, mas pelas idéias, valores, referentes até a seres inexistentes, visto ser a linguagem simbólica inseparável da imaginação.

A linguagem por essência é metafórica e incapaz de descrever as coisas diretamente, conseqüentemente, remete-se, então, às formas de descrição simbólicas. Portanto, antes de mais nada, o sentido simbólico deve ser natural, e deve ser explicado como sendo a verdade, unindo-se com a realidade. O simbolismo, como descrição lingüística não é só uma relação natural entre o ser e o não-ser, é o momento em que há uma relação de identidade, é a manifestação do ser, é a fala, é o momento do desvelamento do ser.

A originalidade de Cassirer, portanto, está no fato de acentuar a importância da expressão simbólica, descrevendo o homem como um *animal symbolicum*, que vive numa busca incansável daquilo que, por si só, nunca chegará a compreender, pois o seu espírito está vinculado à função sgnica. Sendo assim, somente uma filosofia das formas simbólicas poderia elaborar uma idéia unitária de homem. Uma “filosofia do homem”, avaliada por Cassirer, seria, portanto, uma filosofia que proporcionasse uma compreensão da estrutura fundamental de cada uma das atividades humanas: o mito, a religião, a linguagem, a arte e a história, e que, ao mesmo tempo, nos permitisse entendê-las como um todo orgânico.

Para nós, sem dúvida, a grande realização de Cassirer está no fato de ele perceber essa função simbolizante. É preciso que

fique claro o conceito de forma simbólica para Cassirer, como toda energia do espírito em cuja virtude um conteúdo espiritual do significado estaria vinculado a um signo sensível concreto e lhe é atribuído interiormente.

Notamos, também, que, para Cassirer, não seria possível conhecer a realidade independente das formas simbólicas nas quais se apresenta; *a coisa em si* não é possível apreendê-la, pois a vida real, conforme Cassirer, é feita da variedade da riqueza que as formas simbólicas possuem, que são criadas arbitrariamente, assim constituindo a verdade objetiva que é acessível ao homem. Uma verdade que é, em última instância, a forma de sua própria atividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVENS, Roberto. *Imaginação e Realidade*. Vozes: Petrópolis, 1989.

CASSIRER, Ernst. *Filosofia das formas simbólicas I. A Linguagem*. Fondo de Cultura Econômica: Mexico, 1971-1985.

_____. *Essência e Efeito do Conceito de Símbolo*. Fondo de Cultura Econômica: Mexico, 1989.

_____. *Mito e Linguagem*. Perspectiva: São Paulo, 1992.

_____. *Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. Martins Fontes: São Paulo, 1994.

CRIPPA, Adolpho. *Mito e Cultura*. Convivio: São Paulo, 1975.

DELACAMPAGNE, Christian. *História da Filosofia no Século XX*. Zahar: Rio de Janeiro, 1997.

DURAND, Gilbert. *A imaginação Simbólica*. Edições 70: Lisboa, 1995.

NOTAS

¹ Cf.;(Cassirer, 1994:01).

² Estas mesmas hermenêuticas, cita Gilberto Durand, em sua obra *imaginação simbólica*.

³ O sagrado, que é uma estrutura da consciência humana e não um estado acidental e provisório na história das religiões.

⁴ É este dualismo que surge nas condições fundamentais do conhecimento e, segundo Kant, é a base de nossa distinção entre realidade e possibilidade.(Cf;

Cassirer, 1994:96).

⁵ Ele representa algo. É um representante.

⁶ Como exemplo, criavam o mito para explicar certos fenômeno e isto é simbólico.

⁷ Já dizia Sócrates que: “uma vida sem busca não é digna de ser vivida”.

⁸ Cassirer está convencido de que a natureza antropomórfica usual do processo mítico precisa ser revertida: O primitivo, ao invés de transferir sua própria personalidade completa para o deus, primeiro se descobre como um princípio espiritual ativo através das figuras de seus deuses: o “eu” humano descobre-se somente através de um desvio do “eu” divino. (Cf. Cassirer, apud Avens Roberts, imaginação e realidade, p.81).

⁹ As coisas do mundo, que existem no mundo como aparente, como fenômeno, como elas se apresentam.

¹⁰ Os mitos continuam fazendo parte de nossas vidas, agora, exatamente como era no passado e sempre farão até onde nós podemos concebê-los, porque é através deles, que necessariamente, imaginamos o passado, o presente e o futuro. Hoje criamos deuses, mitos para demonstrar coisas que não são explicáveis através de palavras, logo são criadas longas histórias de “Et”, de “chupa-cabra”, que não é nada mais nada menos que mitos que o homem cria para justificar sua busca a infinitude humana. Estes são ou não são mitos? Criações humanas que pedem uma outra explicação, senão aquelas que nos apresentam?.